

7- AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM “*LISBELA E O PRISIONEIRO*”

Lorena Santiago Simas¹

Resumo

Este artigo pretende identificar quais as variações linguísticas presentes no filme *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), que se passa no Nordeste. Para isso, selecionamos cinco diálogos dessa obra cinematográfica, para analisar as variações linguísticas contidas em cada fragmento dos discursos dos personagens, focando nas suas falas; bem como verificar quais são os fatores sociais que condicionaram tais modificações e averiguar o preconceito linguístico decorrente delas. Dessa forma, refletiremos, no âmbito linguístico, sobre particularidades da linguagem como regionalismos, pronúncia, gírias, dentre outras. Também utilizaremos a teoria da variação, que adota a coexistência de variantes presentes no meio social, analisando também a probabilidade com que essas variantes aparecem, destacando as principais delas.

Palavras-chave: Nordeste, Variações linguísticas; Fatores sociais; Análise da linguagem.

Abstract

This article intends to identify the linguistic variations present in the film *Lisbela and Prisioneiro* (2003), which is happening in the Northeast. For this, we selected five dialogues of this cinematographic work, to analyze the linguistic variations contained in each fragment of the speeches of the characters, focusing on their speeches; as well as to verify which are the social factors that conditioned such modifications and to ascertain the linguistic prejudice resulting from them. In this way, we will reflect, in the linguistic scope, on particularities of the language as regionalisms, pronunciation, slang, among others. We will also use the theory of variation, which adopts the coexistence of variants present in the social environment, also analyzing the probability with which these variants appear, highlighting the main ones.

Keywords: Northeastern, Language variations; Social factors; Language analysis.

Resumen

Este artículo pretende identificar cuáles son las variaciones lingüísticas presentes en la película *Lisbela y el Prisionero* (2003), que se desarrolla en el Nordeste. Para ello, seleccionamos cinco diálogos de esta obra cinematográfica, para analizar las variaciones lingüísticas contenidas en cada fragmento de los discursos de los personajes, enfocándose en sus palabras; así como verificar cuáles son los factores sociales que condicionan tales modificaciones y averiguar el prejuicio lingüístico resultante de ellas.

¹ Graduada em Comunicação Social- Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (2014), especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Cândido Mendes (2017) e mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pelo PPGESA-UNEB.

De esa forma, reflejamos, en el ámbito lingüístico, sobre particularidades del lenguaje como regionalismos, pronunciación, jerga, entre otras. También utilizaremos la teoría de la variación, que adopta la coexistencia de variantes presentes en el medio social, analizando también la probabilidad con que esas variantes aparecen, destacando las principales de ellas.

Palabras clave: Nordeste, Variaciones lingüísticas; Factores sociales; Análisis del lenguaje.

Introdução

A língua pode apresentar várias maneiras de falar algo, pois ela está em constante transformação. A todo momento novas palavras surgem, às vezes, com o mesmo significado das já existentes; enquanto outras caem no desuso. Para Labov (2008, p. 221), “(...) é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”, já que ela está sempre em movimento. Essas diversas maneiras são chamadas de variação linguística, principal objeto de estudo da Sociolinguística, que investiga a relação intrínseca entre linguagem e sociedade.

As variações estão presentes em toda língua natural. A língua portuguesa, por exemplo, oferece diferenças entre os falares do Brasil, Portugal e alguns países do continente africano. Algumas dessas variações podem ser justificadas pelo fator histórico, que comumente gera grandes transformações nas línguas, com o passar dos anos. Porém, elas não são restritas a países que possuem o mesmo idioma, pois em todas as línguas acontecem variações decorrentes do nível socioeconômico; grau de escolaridade; idade e gênero. Salientamos que a língua não é um elemento homogêneo, e sim um produto social, que surge de diversos fatores que formam uma sociedade, por isso deve ser respeitada em todas as suas manifestações.

O filme brasileiro *Lisbela e o prisioneiro*, de Guel Arraes, lançado em 2003, do gênero comédia romântica, baseado no livro de mesmo título, de Osman Lins, de 1964, narra a história do vigarista, ousado e conquistador Leléu (Selton Mello) que se apaixona pela sonhadora Lisbela (Débora Falabella), noiva de Douglas (Bruno Garcia). Ao analisar o enredo da obra cinematográfica, percebemos que os dramas, amores e sonhos vivenciados pelos personagens são universais, porém, a linguagem utilizada pela maioria é carregada de regionalismo nordestino. Além da variação linguística presente no filme, identificamos também o preconceito linguístico, quando o personagem

nordestino Douglas (Bruno Garcia), noivo de Lisbela (Débora Falabella), se destaca pelo sotaque carioca, renegando suas raízes, desejando manter um *status* social se valendo da fala da cidade grande, desvalorizando a cultura linguística regional.

Com essa negação do personagem Douglas ao modo de falar nordestino, percebemos que o preconceito perante o Nordeste também permeia os próprios nordestinos, que buscam absorver outras culturas, para assim, se sentirem mais valorizados diante da sociedade, já que a região Nordeste possui um discurso imagético reducionista e estereotipado, que começou a ser difundido a partir de 1877/79, com a chamada “Grande seca”, classificada assim por ser considerada a maior seca de todos os tempos, que aconteceu a região. Nesse momento, a imprensa nacional teve papel fundamental na solidificação dessa representação social, pois difundiu apenas as mazelas do local.

A representação social é um ato, onde o sujeito se reporta a um objeto, pessoa ou lugar por meio de um pensamento, uma imagem; e os meios de comunicação são fatores determinantes nas construções dessas efígies, pois atinge um grande número de pessoas ao mesmo tempo, facilitando a edificação das representações de certo grupo (JODELET, 2001). Além da imprensa, alguns clássicos literários como “Vidas Secas” (1938), de Graciliano Ramos; “Morte e Vida Severina” (1967), de João Cabral de Melo Neto e “O Quinze” (1930), de Rachel de Queiróz também contribuíram para a solidificação desse imaginário composto por seca, miséria e fome.

O Nordeste e, conseqüentemente, o nordestino sofreram e ainda sofrem preconceitos, por uma representação que foi gestada ao longo da história (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), e até hoje se faz presente. A região Nordeste ainda é tida por muitos como seca, improdutiva; e sua população é formada por analfabetos e preguiçosos que utilizam a língua portuguesa de forma errônea, pois o modelo correto a ser seguido deve ser o sulista, uma vez que, as regiões Sul e Sudeste são consideradas mais desenvolvidas e constituídas por pessoas inteligentes, desvalorizando totalmente os territórios, as pessoas e as variações linguísticas que existem na nossa língua.

É por representações sociais como essas, que algumas pessoas seguem o mesmo caminho do personagem Douglas, e ingerem outras culturas para fugir do preconceito que os rondam. Por isso, esta pesquisa se faz relevante, pois apresenta as variações linguísticas presentes na sociedade, que não devem ser desvalorizadas e precisam ser discutidas e estudadas. A mídia escolhida para este estudo foi a linguagem cinematográfica, por possibilitar uma representação da realidade, fazendo dessa forma

uma ligação entre comunicação, cultura e linguagem.

Já, que os vários falares dos falantes de uma língua se dão devido a diferenças regionais, sociais, grau de escolaridade, sexo e categorias profissionais, investigaremos quais são as variações linguísticas presentes no filme *Lisbela e o prisioneiro*. Para tanto, analisaremos quais as variações linguísticas presentes nessa obra, tendo como objetivos específicos: identificar as variações linguísticas existentes nos discursos dos personagens, focando nas suas falas; verificar quais são os fatores sociais que condicionam tais variações; e averiguar o preconceito linguístico decorrente dessas variações. Para atingir os objetivos desta pesquisa, selecionamos cinco diálogos.

A língua e suas variações

A língua é uma manifestação concreta, de uma capacidade humana abstrata; e faz parte da linguagem, atuando de forma simultânea com a fala. Porém, de acordo com Saussure (2000, p. 17), a língua

(...) não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

A língua apresenta várias definições uma delas é a língua materna, que de acordo com Brandão, Oliveira e Silva (2015, p.106) “(...) é definida como aquela adquirida na infância do falante, geralmente está associada ao idioma falado por seus pais ou a seu país de nascimento”. Assim, uma criança que nasce no Brasil e que escuta o tempo todo o português, terá esse idioma como sua língua materna.

Outra definição importante é a língua culta, associada às gramáticas normativas. Brandão, Oliveira e Silva (2015, p.106) destacam ainda que a língua culta ou padrão é

Detentora de prestígio por ser utilizada por escritores renomados e profissionais da língua, além de falantes que detêm alto grau de instrução e representação social e política, faz com que tenha a tendência de elitizar-se e de manter-se distante da realidade da maioria de seus falantes.

Apesar de ser a língua padrão, no caso do português brasileiro, muitas pessoas têm dificuldade em utilizar o idioma “corretamente”, devido ao seu aglomerado de regras e normas, o que dificulta a assimilação. Já, a língua informal composta por variantes coloquiais, é mais usada pela população e também representa a cultura de

determinada região, no entanto, apesar de ser mais utilizada é preciso tomar cuidado, no momento da escrita, que deve seguir a língua culta. Também existem os dialetos que apresentam sistema léxico, sintático e fonético próprios, e comumente estão integrados a um número pequeno da comunidade linguística (BRANDÃO, OLIVEIRA E SILVA, 2015).

Há ainda o regionalismo, ou seja, a forma como as pessoas aplicam o sistema lexical e fonético, por exemplo, temos no Sudeste a palavra mandioca, que no Nordeste equivale a macaxeira ou aipim. Ou, nas mudanças fonéticas, quando no léxico “tia”, a pronúncia do “i” é fechada, enquanto no Nordeste o som do “i” é aberto.

Percebemos então que, a língua é um fator social, um meio de comunicação que, ao receber influências do ambiente acaba por sofrer modificações, portanto apresenta-se como uma linguagem móvel, que se transforma e se recria a partir das relações sociais constituídas. Pois, numa comunidade linguística, as pessoas escolhem, de acordo com seus interesses a forma como vão interagir, e essa escolha depende de vários fatores sociais, culturais e econômicos. Por isso, podemos encontrar variações linguísticas em uma mesma comunidade de fala.

Existe a ideia errônea de que cada nação tem apenas uma língua, mas é só observar melhor que perceberemos a variedade de línguas dentro de uma só. No Brasil, a língua oficial é o português, entretanto existem línguas indígenas, africanas, europeias e as variações do próprio português, que se apresenta de formas distintas nas cinco regiões do país, nos seus 26 estados, distrito federal e também em cidades vizinhas.

A diversidade linguística se dá devido a fatores de classe social, gênero, grau de educação, contexto social e idade, possibilitando identificar o nível socioeconômico de uma pessoa. A variação social não coloca em risco a compreensão da mensagem, já a variação regional pode acarretar alguns desentendimentos, devido à utilização de certas variantes para nomear determinado objeto, ação, comida, etc.. Apesar das diversas formas de se falar a mesma coisa, às vezes, ocorre um estranhamento, quando não se conhece determinada palavra e o seu significado, o que acaba acarretando em um preconceito linguístico, onde o indivíduo tem a sua língua, ou melhor, a sua variação linguística como a única correta, menosprezando as demais.

Existem quatro tipos de variação: diacrônica- muda de acordo com o tempo, ou a faixa etária do falante; diatópica- se refere ao lugar em que se realiza responsável pelo regionalismo ou os falares locais; diastrática- diz respeito à classe social, ao nível socioeconômico; diafásica- se refere a situação de fala ou registro, escrita (COSÈRIU,

1979). E, ainda a norma padrão ou culta que lida diretamente com a língua escrita e as formas de fala e escrita.

Tendo conhecimento da definição de língua e as suas variações, analisaremos cinco diálogos do filme *Lisbela e o prisioneiro*, priorizando as variações presentes na obra. Para isso, a metodologia utilizada possui uma abordagem qualitativa que, de acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2015), permite trabalhar com a interpretação dos dados obtidos, a partir de texto, imagem ou som. Nesse caso, a imagem cinematográfica, uma produção visual já existente. Pretendemos explorar alguns dados da variação linguística. Os recortes serão analisados no âmbito linguístico, apresentando particularidades na linguagem, como regionalismos, pronúncia, gírias, dentre outras.

Utilizaremos também a teoria da variação, um modelo teórico metodológico, que adota a coexistência de variantes presentes no meio social, analisando também a frequência com que essas variantes aparecem. Esta metodologia foi iniciada por William Labov, ao insistir na existência da relação entre língua e sociedade, contrapondo o pensamento de Chomsky, e acreditando na sistematização da variação própria da língua falada. Silva (2011, p. 50) declara ainda que a língua é “(...) um instrumento de análise da sociedade: descreve, conceitua, interpreta tanto a natureza quanto a experiência”, assim, por meio da análise da linguagem utilizada na obra cinematográfica, poderemos identificar as variações que mais se destacam e entender como se constituem.

Variação linguística presente nos diálogos de *Lisbela e o prisioneiro*

O filme *Lisbela e o prisioneiro* apresenta diversas variações linguísticas. Para identificá-las e analisa-las, selecionamos cinco diálogos do longa-metragem que apresentaremos a seguir.

Diálogo1- Cena do filme hollywoodiano “As metamorfoses da alma” que Lisbela assiste no cinema com Douglas.

Doutor Steve: - O trabalho de uma vida! Dentro desses fracos residem a cura de todos os males, e a gangrena da morte. O bem e o mal. Dois reis inimigos, que acampam sempre no mesmo homem. Que vença o melhor!

Marion: - Steve! Steve, o que está acontecendo?

Narrador: Terá o coração do doutor Steve se tornado tão sórdido quanto sua aparência? Marion será a primeira vítima do monstro? Não perca a continuação dessa empolgante aventura no próximo episódio de “As metamorfoses da alma”.

Nesse diálogo, percebemos a predominância da norma padrão, que orienta o uso social da língua e utiliza a língua portuguesa de forma correta tanto na escrita, quanto na pronúncia, sem fazer abreviações, usar gírias ou coloquialismos. A utilização da norma padrão só aparece nas cenas dos filmes hollywoodianos que Lisbela adora assistir no cinema, evidenciando que naquela cidadezinha do interior nordestino, apenas os atores dos filmes de Hollywood utilizam a norma padrão da língua.

Diálogo 2- Cena em que Lisbela e Douglas voltam do cinema

Lisbela: - Você é um pão Douglas parece até o Gary Cooper!

Douglas: - E você é Audrey Hepburn. Impressionante!

Douglas: - Saca que casal atraente! Vamos ter filhos lindos

Lisbela: - Não, não tá na hora ainda não. O casamento é só no mês que vem!

Douglas: - Então broto, falta tão pouquinho.

Podemos observar, através desse diálogo, a variação diacrônica, identificada nas gírias usadas pelos jovens nas décadas de 50 e 60, do século XX, específicas de determinada faixa etária, utilizadas pelos dois personagens como: pão- homem bonito; saca- entende; broto- mocinha bonita. E as comparações que os dois fazem com Gary Cooper e Audrey Hepburn mostram que gostam muito dos atores hollywoodianos.

Diálogo 3- Cena em que Frederico (Marco Nanini), matador profissional vai executar um homem.

Homem prestes a ser assassinado: - Mar meu senhor, o que que eu fiz pra terminar nessa desgraça?!

Frederico: - Ai eu num sei dizer, saber o motivo da pendenga amolece o coração do profissional.

Homem prestes a ser assassinado: - Eu tenho duas mulé e uma penca de fio pra criar

Frederico: - Não tenha medo homem, suspenda a bateção de dentes, quer chega no céu com a dentadura frouxa?

Homem prestes a ser assassinado: - Por nossa senhora, home! Eu não quero morre de morte matada, eu prometo dura pouco. Deixa eu vive um bucadinho que falta pra eu morrer de morte morrida.

No terceiro diálogo, identificamos a forte presença do coloquialismo, ou seja, a linguagem informal, empregada no cotidiano, que não necessita atenção total da gramática. Observamos esse elemento nas palavras abreviadas ou na pronúncia das letras: mar/ mas; pra/ para; desgraça/ desgraça; num/ não; mulé/ mulher; fio/ filho; home/ homem. E, a variação diatópica, onde palavras ou termos são usados nos falares locais como: pendenga- quer dizer conflito, desacordo; penca- grupo frutífero, como por exemplo, cacho de banana, no contexto do diálogo acima, quer dizer que tem muitos filhos; bucadinho- um pouco. Em diferentes regiões, essas palavras podem não ser compreendidas por não pertencerem aos falares locais de determinado lugar.

Diálogo 4- Cena que Frederico e Douglas se conhecem em um bar.

Frederico: - Eu venho desde Boa Vista no rastro desse home, atrás de beber o sangue dele.

Douglas: - Ah, brother! O senhor é de Boa Vista?

Frederico: Boa Vista é um lugar muito macho, nem todo mundo se agrada, basta dizer que lá todo mundo só usa gravata preta.

Douglas: - E, por quê?

Frederico: - Por que todo mundo sempre tá de luto de algum parente que morreu na faca. E, o senhor é da onde?

Douglas: - Sou daqui mesxmo.

Frederico: - E, porque que num fala que nem home!

Douglas: - É que eu estudei muitos anos lá no Rio de Janeiro.

Frederico: - Isso é terra de frouxo. Sei de um camarada que criava lá uma onça. A onça ficou tão avacalhada que bebia leite num pires feito um gato.

Com base nesse diálogo, podemos observar mais uma vez, o predomínio da linguagem coloquial: home/ homem; ta/ esta; num/ não. A presença da variação diatópica, por meio dos falares locais como: rastro- vestígios deixados pelo caminho;

beber o sangue- matar; macho- valente; avacalhada- atrapalhada, desmerecida; que utilizam palavras diferentes para transmitir uma mesma informação, e mudança fonética também, quando Douglas pronuncia o léxico mesmo, puxando o som do s, uma característica do falar carioca. Além, da variação diastrática, identificada pela classe social, presente na fala de Douglas ao utilizar expressões estrangeiras como *brother*, mostrando ter um poder aquisitivo maior do que os outros personagens.

Nesse diálogo, verificamos ainda a desvalorização do falar nordestino, pelo personagem, que por ter classe social alta, teve condições de estudar alguns anos no Rio de Janeiro, onde começou a falar como um nativo; e também o preconceito linguístico no discurso de Frederico quando diz “E, porque que num fala que nem home!” e “Isso é terra de frouxo. Sei de um camarada que criava lá uma onça. A onça ficou tão avacalhada que bebia leite num pires feito um gato”, insinuando que a forma de falar dos cariocas não corresponde a um homem valente.

Diálogo 5

Tenente: O que que você quer?

Frederico: - Você não, que eu não sou seu parceiro e não te dei intimidade.

Douglas:- To com contigo pro que der e vier meu chapa!

Frederico: Fala feito home!

Douglas: - To com o senhor e não abro nem com a mulesta!

Frederico: - Acho bom! Que preu dá um tiro num é como quem vai ali e já volta.

Percebemos, novamente, na conversa acima, a linguagem coloquial na repetição de palavras “que que você”, comum na fala cotidiana, mas que deve ser evitado na forma escrita, seguindo a norma padrão da língua. Também identificamos abreviação das palavras: to/ estou; pro/ para o; home/ homem; preu/ para eu; num/ em um. Identificamos ainda a variação diatópica e diastrática no discurso de Douglas, na palavra “chapa”, gíria que significa amigo, usada antigamente nas cidades grandes e por pessoas de classes mais altas; e mulesta, que quer dizer coisa ruim, expressão típica do Nordeste.

Assim, no filme como um todo, as variantes que mais aparecem no meio social representado são: “home”; “mar” e “mulé”, evidenciando a predominância da linguagem coloquial e da variação diatópica, pois essas formas de pronunciar “homem”,

“mas” e “mulher” são coloquiais, porém pertencem aos falares locais, já que em outros lugares, pronuncia-se a palavra completa sem subtrair letras ou trocá-las.

Considerações finais

Por meio deste artigo, analisamos que, no filme *Lisbela e o prisioneiro*, a linguagem coloquial é dominante, pois a norma padrão aparece apenas nas cenas em que Lisbela assiste aos filmes hollywoodianos. Identificamos que as variações linguísticas presentes no enredo são: diacrônica, diatópica e diastrática; e que os fatores sociais como nível econômico, grau de escolaridade e idade interferem na construção da variação linguística presente em determinado meio social.

Destacamos também, que o local de onde se fala e para quem se fala, também interfere nessa constituição e pode gerar ainda o preconceito linguístico, como vimos nos diálogos entre Frederico e Douglas, onde o matador profissional discriminava Douglas pelo seu sotaque carioca forçado, taxando-o como fraco. E, ao mesmo tempo, Douglas desvalorizava, menospreza o regionalismo, a fala nordestina, se achando superior aos demais por ter morado alguns anos no Rio de Janeiro, acreditando que o sotaque carioca lhe oferece um *status* social maior. Percebemos, então, que as questões sociais como grau de escolaridade, faixa etária, gênero, tempo e classe social interferem significativamente na formação das variações linguísticas de um grupo social.

O filme reflete exatamente o que acontece na nossa realidade, pois cada grupo de pessoas que se identificam por algo, seja faixa etária, classe social ou outro quesito, adquire uma formação linguística que corresponde ao seu local de fala. Assim, essa linguagem pode variar a depender do grupo no qual você se encontra em cada momento. E é por não aceitar a existência dessas variações que surgem os preconceitos linguísticos, pois quando uma pessoa é intolerante a um tipo de linguagem, é porque considera a sua superior. Porém, não existem variações linguísticas corretas ou erradas, melhores ou piores, mas sim diferentes, e que devem ser respeitadas.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento- evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**/ Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); tradução de Pedrinho A. Guareschi.-13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRANDÃO, Antônio Jackson de Souza; OLIVEIRA, Tatiana Lopes de; SILVA, Thaís Amaral. Cine Holliúdy: filme nacional legendado em português? In: **Travessias**, 2015. Disponível em: e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/12062/9290. Acesso em: 10 mai. 2017.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. São Paulo: Presença, 1979.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-45.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. A teoria da variação linguística: um balanço crítico. In: **Grupo de Estudos Linguísticos**, 2012. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t31.red6_1.pdf. Acesso em: 17 abr. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

SILVA, Edila Vianna da. A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação. In: **Abrafil**, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2017.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **A língua portuguesa e a unidade do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.